ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

Grupos culturais: A juventude em cena.

Jessica Leme Santos[1]
Ione da Silva Jovino[2]

RESUMO – O presente artigo busca fazer uma brecha teórica sobre os temas pesquisados para a elaboração da pesquisa intitulada *Identidade Cultural e Juventude no século XXI: O perfil dos grupos EMO em comunidades da internet* do qual faz parte do programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com financiamento da Fundação Araucária ano de (2009/2010) que está em andamento subsidiando o mapeamento de grupos juvenis no meu caso os EMO, dentro do projeto "Periferia de Ponta a Ponta: juventude, cidadania e práticas culturais" desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de professoras, egressas e graduandas/os da Universidade Estadual de Ponta Grossa em parceria com a SETI-Pr, por meio do Programa *Universidade Sem Fronteiras*, subprograma *Diálogos Culturais.* Neste trabalho serão abordadas as temáticas sobre juventude, resultados da pesquisa aplicada durante as oficinas do projeto no ano de 2009, onde se discute a discriminação das chamadas "tribos urbanas", sua inserção no dia a dia dos jovens, como também resultados primários da analise de comunidades relacionadas aos EMO dentro do site de relacionamento ORKUT. Desta maneira busca-se a problematização de temas pertinentes *a juventude do nosso tempo*, a fim de que estes adolescentes sejam vistos de forma diferenciada, já que a jovialidade inspira a eternidade em tempos modernos, ditando moda seja visual, comportamental.

PALAVRAS CHAVE – juventude, grupos culturais, EMO.

[1] Acadêmica do 3° ano do curso de História Licenciatura da UEPG, jessik.leme@hotmail.com.
[2] Mestre em Educação, profa do Departamento de Métodos da Universidade Estadual de Ponta Grossa,

Introdução

Estudar a juventude pode se pensar que é um tema de extrema incidência nas áreas acadêmicas principalmente em questões de educação e cultura. Mesmo assim é de grande importância que sempre se tenham novas pesquisas simplesmente pelo fato de que ser jovem é quase que sinônimo de mudança, mas porque o jovem é sempre o individuo que representa estas manifestações de extrema contrariedade com o "sistema"? Porque ele sempre quer estar sendo observado como aquele que vive de certa forma a margem do restante dos indivíduos?

A sociedade em si não pensa de uma maneira só, por isso alguns membros entram em conflito, geralmente estes grupos são sempre os mais "olhados", os que sempre estão mais expostos de certa forma e a partir destes conflitos eles mostram indignação aos demais.

Com o tempo totalmente dividido é como se tudo tivesse de ter começo meio e fim, e os jovens estão neste meio sem saber o que diretamente estarão fazendo de suas vidas num futuro próximo. Quando na adolescência o indivíduo passa a ter uma maior noção do tempo, é quando ele começa a se dar conta do envelhecimento que virá. Os estudos destinados há pesquisar o tempo na vida dos adolescentes tem crescido, mostram que a partir do momento em que estes jovens não têm mais a segurança de antes se sentem extremamente perdidos num mondo que ao mesmo tempo está cheio de oportunidades novas que podem ou não dar certo, não existe mais aquele planejamento perfeito e linear de vida, tudo pode ser agora ou nunca.

Os resultados têm mostrado que a fase chamada de adolescência na vida do individuo funciona como algo que passou a não ser somente o nome que damos quando queremos nos referir a crescimento transitoriedade e juventude, agora ser jovem também passou a ter um grande aspecto cultural. Neste sentido a adolescência passou a não ser delimitada, não há um tempo limite para se ser jovem do ponto de vista cultural, diferente do biológico, é daí que surgem alguns estilos diferentes como as tribos urbanas, que fazem com que cada um mostre ao outro na maneira de se vestir e comportar com o que ele se identifica. Para Alberto Melucci (1996, p.05), na sociedade contemporânea, de fato, a juventude não é mais somente uma condição biológica, mas uma definição cultural. Incerteza, mobilidade, transitoriedade, abertura para mudança todos os atributos tradicionais da adolescência como fase de transição, parecem ter se deslocado bem além dos limites biológicos para tornarem-se conotações culturais de amplo significado que os indivíduos assumem como parte de sua personalidade em muitos estágios da vida.

Esta identificação por sua vez não é permanente, o adolescente atual está acostumado como todos os meios a nossa volta a mudar rapidamente de forma e opinião, da mesma forma que ele acredita no ideal da juventude onde se pode tudo e com todos.

Por mais que os grupos juvenis sejam extremamente antagônicos entre si eles nos últimos 30 anos tem se mostrado como importantes formas de contestação do cenário atual da sociedade. Lembrando dos anos 60 com sua juventude fervilhando política, aos movimentos ambientalistas dos anos 80 e 90 e os atuais, que mesmo que pareçam não agir propriamente estão sempre aí sendo noticiados nas mídias de formas extremistas ou não.

Os grupos jovens hoje em dia são espaços onde novas formas de comportamentos culturais são criados. A partir disso estão sempre em busca de redefinirem seu próprio eu, indo contrariamente ou não as regras impostas pelo "sistema", seja economicamente, no âmbito da comunicação ou culturalmente, é uma forma de transpor estas barreiras, por isto é chamado de ação "formal", não parte principalmente de ações, e mesmo assim não deixam de ter ideais. Segundo Alberto Melucci (1996, p.09),os movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual, novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática. Os jovens nada mais são que os produtores de novos comportamentos que invariavelmente adotaremos na ânsia de nos mantermos na melhor faze da vida, o mercado venderá esta idéia facilmente comprada.

Outro aspecto muito pertinente quando falamos sobre a imagem que temos da juventude, segundo Abramo (1997, p.25) são os trabalhos que vem sendo dirigidos ao estudo do "público jovem", segundo ela os produtos destinados aos jovens vêem sempre no sentido de consumo, comportamento e cultura como a música, moda, lazer, etc. Já quando o assunto juventude vem ser discutido no âmbito adulto os jovens são retratados em crimes, associações violentas, usuários de drogas sempre com o pano de fundo da discussão sendo como reverter este quadro de problemas.

O Brasil diferente dos outros países nunca teve uma política totalmente voltada para os jovens, sempre teve essas preocupações vinculadas também às crianças, agora lentamente começam a surgir leis e programas de inclusão destes jovens em algumas cidades e estados, mais o

trabalho que se tem mais desenvolvido nesta área no país vem das Ongs e movimentos não governamentais, que buscam auxiliar estes jovens que vivem em situação de risco lhes dando formação profissional entre outras necessidades.

Um dos aspectos dos grupos juvenis é que eles são vistos hoje como as novas formas de amizade, que estão sendo embasados no sentido de compatibilidade de pensamentos, independente de classe social, econômica, por isso mesmo estes grupos são tão heterogêneos dentro de si. Os EMO são um grupo em grande expansão dentro do universo adolescente, caracterizados pelas franjas em cima dos olhos, usuários de forte maquiagem preta, e pela maneira sensível em tratar e se comportar perante os demais. Esta forma sim é um dos adjetivos legados a esta tribo que mais lhes causam problemas de relacionamento quando deveria ser o contrario já que ideias pré-concebidas principalmente quando o assunto é a sexualidade do individuo participante estão em jogo.

Ao observar as comunidades no ORKUT, em sua maioria absoluta o único pedido a ser feito, a bandeira a ser levantada é contra o preconceito protagonizado graças ao senso comum da população que coloca que todos os EMO são homossexuais e deprimidos. De fato eles concordam em dizer que não tem preconceito em relação ao homossexualismo, e se auto-avaliam sendo pessoas preocupadas com o próximo e de uma sensibilidade a flor da pele, que é expressada pela música, geralmente com letras melancólicas mas ao mesmo tempo com instrumentos pesados. Uma das possíveis respostas para que os EMO sejam tão rechaçados pelos demais grupos como os Metaleiros e Punk entre outros é que esta forma de expressão é ligeiramente nova em relação as anteriores, surgidos nos anos 80 nos EUA só começaram a se firmar pelo Brasil no inicio dos anos 2000, de certa forma incorporando objetos, vestuário, maquiagem das tribos já existentes em busca de sua identidade, por esta característica que lhes é mais que pertinente se mostram ainda mais próximos dos adolescentes que estão também em busca de sua verdadeira identificação.

Buscar compreender o jovem do século XXI é quase que uma tarefa impossível afinal de contas vivemos num mundo mutável de segundos em segundos, e a juventude anda antenada a ela como mais ninguém consegue, mas a importância de se estudar comportamentos, ações, opiniões se faz presente sem duvida nenhuma hoje, amanha e sempre. Dentro das escolas, nas políticas publicas voltadas a juventude, necessitam de cada vez mais informações para que o adolescente brasileiro se sinta mais seguro em relação a seu futuro e posso assim usufruir desta etapa mais que interessante de sua vida.

A metodologia aplicada para a confecção deste artigo primeiramente foi o levantamento bibliográfico de trabalhos científicos a respeito da tematização da juventude no Brasil, onde fica clara a forma como a adolescência é retratada na mídia, e quais as conseqüências desta abordagem na construção do imaginário nosso de cada dia sobre a juventude brasileira e quiçá mundial.

Na minha seleção de material dentro do site ORKUT optei por separar as comunidades que se mostraram a favor dos EMO e as contra. Da mesma maneira decidi não usar como fonte as comunidades criadas para indivíduos com nomes próprios, como por exemplo, “eu acho o Neto um EMO”, já pelo fato de em sua maioria ter uma descrição vexatória, a pesquisa não está pretendendo usar da intimidade de cada um como meio de obtenção de informações para qualquer conclusão futuramente obtida.

Juntamente com este levantamento de dados dentro da internet pude também usufruir de uma pesquisa quantitativa aplicada dentro do projeto “Periferia de Ponta a Ponta” ao qual este trabalho vem subsidiar. Esta pesquisa é formada por uma seleção de perguntas que vêem com o intuito de se descobrir a opinião destes jovens sobre os grupos culturais, questioná-los se eles fazem parte de algum destes grupos e se não fazem sua opinião de espectadores destes comportamentos.

Dentro destes questionamentos constatou-se que 56% dos jovens assistidos pelo projeto afirmam participar de alguma tribo urbana, e o segundo grupo indicado por eles foi o dos EMOCORE, cerca de 34% dos adolescentes afirmam que uma das formas em que o jovem pode vir a se expressar é no seu vestuário.

Enquadrar o jovem em determinado grupo, pelo seu modo de vestir, falar comportar é muito fácil. A verdadeira dificuldade da sociedade está em pensar o adolescente, pois construir opiniões em cima de idéias do senso comum, vinculadas em propagandas e discursos midiáticos que na maioria das vezes vêem recheados de interesses nem sempre coniventes com a melhoria de vida da nossa juventude é recorrente quando o assunto é sobre problemas de cunho juvenil que somente nos acarreta um atraso em seu entendimento e convivência.

É muito mais difícil tentarmos compreender os jovens se tentarmos pensá-los como eram a 10 ou 20 anos atrás, quando o mundo tinha um ritmo diferente do nosso de hoje em dia, as pessoas tinham mais tempo para as escolhas, menos insegurança e cobrança. Para se pensar o novo devemos em primeiro lugar ter um olhar novo. A nossa visão sobre a juventude, esta visão congelada

e enraizada em idéias um tanto quanto passadas, necessitam serem pensadas novamente com olhos de agora. O fato de que os jovens são sempre tratados como sujeitos propensos a criminalidade, violência e atitudes que fogem a regra social instituída é uma constante, desta maneira é como se nenhum assunto ou caso devesse ser pensado, entendido, e tudo faria parte da "idade". Quando pensarmos em juventude devemos colocá-los como protagonistas da cena, não simplesmente com coadjuvantes sempre fazendo o papel de vilões é preciso vê-los com olhos sem tampões.

Referências

Abramo, Helena Wendel.Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**.** Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n°5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n°6. **http://189.1.169.50/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_05_HELENA_WENDEL_ABRAMO.pdf**

Blog Vida EMO; http://vidaemo.com.br/maquiagem-e-cabelo-de-emos-dicas-look.html

Dayrell, J. T. O jovem como sujeito social. Reunião Anual da ANPED, 25, 2002, Carcombri. Anais Carcombri: ANPED, 2002

Dayrell, Juarez. A escola "faz" juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc. vol.28 no.100 Campinas Oct. 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302007000300022&script=sci_arttext&tlng=en.

Dayrell, Juarez; Carrano, Paulo César R. Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo. Observatório da Juventude. http://www.emdialogo.com.br/sites/default/files/JOVENS_BRASIL_MEXICO.pdf

Guimarães, Eloisa. Juventude (s) e periferia (s) urbanas. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N º 6, PP. 199-208.

http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n49/n49a04.pdf

Magnani, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo soc.[online], 2005, vol.17, n.2,PP. 173-205. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702005000200008&script=sci_abstract&tlng=pt

Melucci, Alberto. Universidade degli Studi di Milano Tradução de Angelina Teixeira Peralva Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14. http://189.1.169.50/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf

Pais, José Machado. "Jovens e Cidadania" Comunicação apresentada na sessão inaugural do Simpósio Internacional sobre a Juventude, no Rio de Janeiro, UFRJ, Outubro de 2004. Sociologia Problemas e Práticas, n°49. Ano 2005. PP 53,70.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 N º 6, PP 15-24http://stoa.usp.br/alex/files/-1/8983/juventudecontemporaneidade.pdf#page=12

Reis, Sandra A. ET. Al. « os filhos da modernidade – Reflexões Sobre o Fenômeno das Tribos Urbanas. http://www.pucpcaldas.br/revista/doxo/Volume1/Sandra.pdf

Sposito, Marília Pontes. Faculdade de Educação Universidade de São Paulo. Revista Brasileira de Educação. **http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_06_MARILIA_PONTES_SPOSITO.pdf**